

Essa Boa Nova, os cristãos devem redescobrir.

Essa Boa Nova, eles devem começar a viver, porque é essa a vontade última de um Deus que se declarava Deus da vida e não da morte.

Um Deus do amor e não do egoísmo.

Um Deus da ternura e não do legalismo.

Um Deus que quer misericórdia e não sacrifícios (Mt 9,13); nem mesmo aqueles através dos quais os sacrificadores pensam agradar a Ele (confira: Is 1,11-17; Am 5,21-25).

O que Deus quer é vida em todas as dimensões e em todos os aspectos.

Ressuscitando Jesus, Deus provou que essa é a sua intenção, e que ele é capaz de fazer dessa intenção a nova realidade de vida de seus filhos e de suas filhas.

Essa Boa Nova é capaz de quebrar todos os sistemas e todos os argumentos daqueles que querem manter sistemas de morte.

Ela declara falsa todas aquelas forças que, até hoje, permanecem interessadas na cruz em si, mas que em nada querem conscientizar sobre a ressurreição.

Superar essas forças e recuperar as profundas e tremendas energias transformadoras da ressurreição é uma das tarefas mais urgentes de uma evangelização de hoje e do futuro!

Reinold Blank é doutor em filosofia e teologia. Leciona na Pontifícia Faculdade de Teologia no Centro Universitário Assunção.

¹ O presente artigo foi publicado também pela Revista de Filosofia e Teologia "ANÁLISE & SÍNTESE", do Instituto Teológico São Bento, Salvador, Ano II – 2003.

A RAINHA DE SABÁ

UMA PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SABEDORIA FEMININA AFRO-ASIÁTICA DO SÉCULO X A.C.

Dra. Maricel Mena López

Neste estudo, quero destacar a sabedoria da rainha de Sabá, porque ela personifica uma interpretação bíblica feminista que propõe "enigmas" à epistemologia reinante do criticismo bíblico. Ela faz isso com a finalidade de explorar "a rica e obscura profundidade" dos acontecimentos religiosos submersos que inspiram as visões para um futuro diferente da "ekklésia" das mulheres¹. Essa visão diferente parte da necessidade de levantar novas abordagens, especialmente no que diz respeito à personificação da sabedoria no Israel antigo.

Suspeito que a legitimação da sabedoria em uma figura concreta como Salomão, nos textos pós-exílicos, é uma tentativa de transplantação da sabedoria feminina para o homem. Essa sabedoria feminina tem raízes muito antigas que remetem não só à concepção da sabedoria das deusas, como a deusa *Maat* dos egípcios, mas também à sabedoria feminina etíope, personificada na figura da rainha de Sabá.

Nesse contexto argumentativo, as seguintes questões são pertinentes: Será que a sabedoria israelita é uma interpretação da sabedoria etíope e egípcia? Neste sentido, poderia se falar de uma forte influência da sabedoria africana no tempo dos reis israelitas? Será que a referência à sabedoria, na literatura sapiencial, é somente metafórica para acentuar a figura de um Deus

¹ A expressão *ekklésia* das mulheres é própria da hermenêutica feminista de Elizabeth Schüssler FIorenza. Confira: *Sharing Her Word – Feminist Biblical Interpretation in Context*. Boston: Beacon Press, 1998. p. 86.

patriarcal com atributos femininos, não somente em termos retóricos senão concretos? Estas, entre outras questões, serão abordadas neste estudo. Assim sendo, estudarei as figuras e as instituições que representam as mulheres africanas desse ciclo literário: a rainha de Sabá – monarquia (1Rs 10,1-13); as princesas, esposas e concubinas – as damas do harém (1Rs 11,1-15).

A RAINHA DE SABÁ

Devido à necessidade de impor limites ao estudo, abordo em poucas linhas a questão histórico-geográfica da região considerada como afro-asiática. Em seguida, dedico-me ao estudo dessa rainha e sua influência na corte salomônica.

UMA PALAVRA SOBRE A GEOGRAFIA AFRO-ASIÁTICA

Ainda que as recentes pesquisas arqueológicas revelem a existência do palácio da rainha de Sabá na península do Iêmen, a tradição da rainha de Sabá é muito mais forte na Etiópia do que no sul da Arábia. Na área circunvizinha, Axum, há inúmeros locais arqueológicos que estão tradicionalmente conectados ao local de nascimento, ao palácio e ao túmulo da rainha de Sabá. Além disso, ela é venerada na Etiópia como a fundadora de uma dinastia nova, enquanto que no sul da Arábia ela não é considerada uma personagem importante. Na Etiópia sua vida foi unida à realidade, enquanto no sul da Arábia à mitologia. Esses pontos servem para mostrar que os etíopes apreciam convicções enraizadas de grande antiguidade. Contudo, é importante aqui resgatar o valor tanto da lenda como da mitologia nas tradições de origem africana, mas ainda, para que a questão lendária e mitológica seja fundamental, é importante se perguntar pela fundamentação histórico-geográfica dessa relação com a antiguidade.

A resposta a essa questão está no fato de que a região de Sabá, no atual Iêmen, foi originalmente africana. Sabá é descendente da região de Cuch, atual Etiópia. O império cuchita é essencialmente africano. Ele teria-se formado a partir do povoamento saariano, mas migrou para o sul do Egito. Daí

teria estendido seu domínio até a península da Arábia. Isto permitiu as migrações constantes de tribos árabes para o chifre da África.

Assim, toda vez que uso o termo afro-asiático neste trabalho, refiro-me à região geográfica, compreendida entre o transcurso do rio Nilo, desde o Egito até a Cuch ou Etiópia², cruzando o mar Vermelho, incluindo a Península Arábica.

UMA RAINHA SÁBIA

Uma mulher estrangeira que ocupa um papel de destaque no ciclo de Salomão é a rainha de Sabá. Trata-se de uma rainha representante de um país conhecido pelo seu importante comércio e também por sua sabedoria. Pelo menos, isso é o que o texto nos oferece ao enfatizar as riquezas e enigmas trazidos pela rainha.

O contexto patriarcal, no qual emerge o texto, sugere que a presença da rainha serve somente para o reforço da fama e sabedoria do “grande” rei Salomão. Mas será essa a única leitura possível do relato? Para poder entender os estereótipos que cercam as mulheres do ciclo de Salomão, é importante lembrar que estamos em um processo de ruptura crescente das relações de poder que, de certo modo, havia na experiência do tribalismo. Contudo, não podemos esquecer de que se trata de uma mulher pertencente a uma outra cultura e que, de certo modo, as memórias antigas que sustentam o relato nos revelam a autonomia e sabedoria das mulheres estrangeiras.

²Na tradição bíblica, “Etiópia” e “Cuch” eram considerados sinônimos. O texto massorético usou *Kush*. Também a tradução dos LXX transcreve *Xous* na lista etnográfica de Gn 10,6-8; 1Cr 1,8-10, onde Cuch é representado como o filho de Cam. Mas este nome é mudado para *Aetiopia* (Etiópia) pelos gregos durante a antiguidade clássica. Confirma A.M. Ali HAKEM, “A civilização de Napata e Méroe”, em *A África Antiga*, vol. 2. Gamal MOKHTAR (editor). São Paulo: Ática/Unesco, 1980. p. 326. (História Geral da África).

³KBL, p. 619.

A raiz *nasah* “testar, provar”³ (v 1) é um dos verbos-chave utilizados para descrever as provas que Deus dá a seu povo e a capacidade de discernimento sobre elas. Mas a capacidade de discernimento da rainha passa pela observação e a escuta. Os dois verbos “ver e escutar” *ra’ah* e *xama’* têm a conotação de “dar-se conta de...”, “perceber de forma inteligível” e isso foi o que essa mulher fez: portou-se inteligivelmente. Ela escutou sobre Salomão e veio para verificar e por à prova a suposta sabedoria do rei. Mas esse processo inteligível é simplesmente despercebido e sufocado pela “magnificência” das respostas desse rei sábio. Ela falou a Salomão “tudo o que tinha em seu coração” (v 2). O coração, tanto na literatura hebraica como na egípcia, refere-se ao conhecimento e instrução⁴. É um instrumento de compreensão do pensamento e conhecimento. É curioso observar aqui o interesse do redator em captar todo o conhecimento da rainha, até parece que não ficou nada entre linhas, o rei absorve toda a sabedoria da rainha e, além disso, ultrapassa-a em conhecimento. Percebo aqui uma retórica patriarcal que para se reafirmar tem de passar pelo controle do corpo e do conhecimento das mulheres.

A forma primitiva da raiz *hakam* significa “um ato de inteligência”, em plural significa “ser sábio” e como substantivo tem a conotação de “sabedoria”. A rainha usa três vezes a raiz *hakam* para se referir à sabedoria de Salomão, e a sabedoria no contexto da monarquia se refere principalmente à habilidade de administrar. É muito significativo esse fato, quando se assume que sua figura personifica uma sabedoria. Uma monarca que tem a responsabilidade e o compromisso de atuar com solidariedade e justiça em todos os níveis observa se esse princípio está sendo cumprido.

Na religião egípcia, a *maat* personifica uma realidade que abarca princípios e fundamentos sociais de “verdade” e “justiça”, e principalmente estabelece a “ordem do mundo”. A rainha de Sabá parece não desconhecer esses princípios. Ela chega para estabelecer a harmonia em meio ao caos produzido

⁴ SHUPAK, Nili. Where can Wisdom be Found? The Sage’s Language in the Bible. In: *Ancient Egyptian Literature*. Freiburg (Suíça): University Press; Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 236.

por Salomão. Ela lembra a Salomão que *mixpat* e *zedaqah* “direito e justiça” são fundamentos da sabedoria das deusas e deuses de Israel. Essa combinação “direito” e “justiça”, não somente expressa a conduta reta e o justo procedimento jurídico na práxis cotidiana, mas também a relação entre as pessoas e as obras. Assim, pode-se pensar que o caos causado pelo rei é de caráter social, mas qualquer conclusão, nesse sentido, seria especulativa, já que não temos acesso aos enigmas expostos pela rainha.

O que o texto dá a conhecer são os aspectos observados por ela: sabedoria, palácio, servidores e templo. Aspectos relacionados à vida no interior da casa real. Além disso, contamos com poucas informações sobre a forma de governo da rainha. E o que o texto, em princípio, quer dizer, é que a rainha aprova a atitude do rei. A fórmula de aprovação é dada através de uma benção ao deus dos israelitas. A raiz *barak* significa abençoar, comunicar uma força vital. A rainha não podia sair de Jerusalém sem uma completa aprovação da sabedoria do rei e daquele deus que o sentara no trono. Desse modo, a rainha que desafia o poder do varão com enigmas, que atua inteligentemente, é dominada pelo saber do rei.

Embora contemos com poucas referências bíblicas sobre a sabedoria árabe, é importante notar em um primeiro momento que o estudo dessa cultura foi reduzido ao intensivo e lucrativo comércio da Arábia. No entanto, sabe-se que este país é conhecido também como um centro de cultura e civilização. Uma dessas insinuações se encontra nas referências bíblicas sobre “os homens sábios do oriente”, com os que Salomão poderia competir junto com a sabedoria do Egito (1Rs 5,10). De fato, são nomeados quatro desses homens: Etã, o ezraíta, Ema, Calcol e Darda, em 1Rs 5,11.

Mas a maior expoente da Sabedoria sul-Arábica, nos textos bíblicos, é a rainha de Sabá. Tudo aponta para o fato dela ser a personificação da sabedoria, do direito e da justiça dentro da religião dos sabeus. Além das funções políticas que tinha como monarca, seu papel principal foi o de sacerdotisa da fé ou astrônoma principal.

Essa mulher sábia nos desafia na busca de direito e justiça para as mulheres. Sua condição de “pagã” e de não pertença à comunidade judaica da época, que recebe a iluminação e abjura sua fé nativa, entrelaça-se a sua

condição feminina: ela age como o outro inverso que completa o princípio masculino da sabedoria, incorporado pelo rei Salomão; simboliza a condição carnal da mulher em sua forma mais plena: sabedoria, fertilidade, vitalidade. Este elemento, a reputação de sabedoria de Sabá, que corresponde à de Salomão, seu *status* semelhante ao dele e seu perfil de parceira natural, dá um sabor diferente e misturado ao paganismo, ao calor, ao apogeu, à característica moura de sua personagem. Ela pertence e não pertence, é a expressão do pluralismo cultural e religioso que caracteriza o período de Salomão.

Em suma, a aproximação da história e geografia de seu país, possibilitou-me ampliar a história de Israel ao horizonte Afro-asiático. A confirmação da hipótese de que Sabá se teria originado a partir das migrações constantes dos povos cuchitas/etíopes para a península da Arábia, propiciou-me ampliar o horizonte de compreensão do Israel do século X a.C. Constatei então que, no processo de ocidentalização do Antigo Oriente Próximo, foi negada a participação histórica e geográfica da África na cosmovisão israelita.

AS DAMAS DO HARÉM

As mulheres desses versículos são nomeadas com os substantivos de: “estrangeiras”, “princesas” e “concubinas”. A palavra *nakri* “estranho” já é usada em 1Rs 8,41, denotando a condição de “não cidadão”. Essa designação já é suspeita por sua carga ideológica de rejeição aos estranhos sobre Israel (Dt 17,15) e especialmente às mulheres, pois o adjetivo “muito” dá uma ênfase extraordinária ao número dessas mulheres estrangeiras (Dt 17,17). Mas por que essas mulheres não são bem vindas em Israel?

Segundo 1Rs 11,3, Salomão tinha setecentas “princesas” e trezentas “concubinas”. Ainda que este número não deva ser interpretado literalmente, revela uma situação de abuso exagerado dos corpos dessas mulheres. As “mulheres distintas”, “princesas”, *sarot*, seriam as esposas oficiais, diferentemente das concubinas ou esposas não oficiais, que são menos numerosas. Essas últimas não têm os mesmos direitos que as esposas principais. A palavra *pilagxim* “concubinas” revela que, desde o período dos patriarcas, se vive uma monogamia relativa. No caso de esterilidade, a esposa é obrigada a

proporcionar uma concubina escrava a seu marido. As irmãs Lia e Raquel oferecem cada uma delas uma escrava como concubina para seu esposo Jacó. Em Israel, entre os Juízes e a monarquia, a bigamia é reconhecida como um fato legal (Dt 21,15-17), e a poligamia era exclusiva dos reis e príncipes, pois estes tinham um harém às vezes numeroso. O povo em geral tinha de se conformar com uma ou duas esposas titulares enquanto que os reis podiam permitir-se ao luxo de um harém numeroso.

As sociedades antigas que admitiram a poligamia tinham, como símbolo de poder e riqueza, um harém. Ao ser um luxo que poucos poderiam ter, rapidamente converteu-se em privilégio real. O harém era composto por “mulheres” e “concubinas”. Sobre Saul se diz que tinha pelo menos uma concubina (2Sm 3,7) e se fala, em outras partes, de “suas mulheres” (2Sm 12,18). Quando Davi reinava em Hebrom tinha já seis mulheres (2Sm 3,2-5) e em Jerusalém tomou outras concubinas e mulheres (2Sm 5,13; 19,6), entre elas Betsabéia (2Sm 11,27). Comparando com 1Rs 11,3, é possível afirmar que as “princesas” sejam a categoria de “mulheres” ou “esposas” usadas nos textos acima especificados.

Antes de nos perguntarmos pela participação dessas mulheres na sociedade, é importante desconstruir os estereótipos do corpo e da sexualidade feminina que rondam as mulheres da corte salomônica. Pois, parece que seus corpos, além de servirem para desviar o coração do “pobre velho rei”, serviram como figuras decorativas do patriarcado. Mas que metáforas se escondem por trás dos títulos “esposas” e “concubinas”?

É difícil compreendermos a metáfora do matrimônio, implícita no título de “esposas reais”, no conjunto das intenções retóricas da monarquia israelita. A metáfora do matrimônio, com sua preocupação pela exclusividade na dedicação e lealdade ao “senhor, esposo e monarca”, demonstra o que os deuteronomistas consideram como as causas da morte da nação. A divisão do reino e a posterior destruição de Israel foi o resultado de sua tendência em adorar e confiar em deuses estrangeiros.

A crença estereotipada de que o corpo e a sexualidade feminina engendraram perigo, repugnância, ameaça e que estas necessitavam de controle, foi fundamental para a compreensão da anormalidade do comportamento do rei.

Esses corpos saíam do controle justamente por se tratarem de corpos de mulheres estrangeiras, quer dizer, mulheres independentes que atuam na vida cultural. Desse modo, a metáfora do matrimônio foi usada quase exclusivamente para personificar negativamente Israel e para descrever sua história com Deus como algo efêmero e volátil. As mulheres do harém foram seres sexuados, mas sua sexualidade infundia sérios temores à sociedade se esta não estava a serviço da procriação de legítimos herdeiros para seu marido.

O matrimônio de Salomão com as muitas mulheres estrangeiras não é mais do que uma metáfora de controle. O Deus de Israel, representado pelo rei Salomão, exerce o controle político, econômico e principalmente religioso das nações vizinhas através dos corpos das mulheres. Talvez porque esses corpos representassem um perigo de desestabilização do rigorismo e legalismo dos israelitas. Para os deuteronomistas, essas mulheres são as principais responsáveis pela idolatria do rei.

Em suma, essas mulheres tiveram participação ativa na vida cultural e religiosa israelita desse período. Esse é um fato inegável, já que os deuteronomistas se empenham em revelar em diversas ocasiões, especialmente quando relacionam as mulheres aos cultos de diversas deidades. Mas uma pergunta deve ser formulada: qual é o papel das mulheres do harém no desenvolvimento da sabedoria israelita no tempo salomônico? As mulheres do harém também tiveram contato com a vida religiosa, elas participaram da vida cultural israelita. É provável também que elas foram grandes promotoras das escolas de sábios no interior da corte, aliás, é provável que a *hokmah* israelita tenha surgido nesse círculo de mulheres.

O HARÉM: UMA ESCOLA DE SÁBIAS

A palavra harém, através da história, foi portadora de muitos fantasmas, povoada de sultões libidinosos, de jovens educadas para satisfazerem os desejos dos machos. Mas será que esta é a verdadeira intenção dessa importante instituição do Estado faraônico? A confusão parece provir do significado

do termo egípcio *kheneret*, “lugar fechado”⁵, que certos eruditos logo traduziram para “harém”, porque ali se encontravam comunidades femininas, que, no entanto, não eram formadas por reclusas, e que lá celebravam rituais em honra à divindade protetora do harém: por exemplo, Hator⁶, Ísis⁷ ou Bastet. O caráter fechado do harém está ligado ao seu aspecto secreto. Além disso, o termo *khener* significa igualmente “tocar música, manter o ritmo”, e veremos que o ensino da música era, efetivamente, uma das funções dos haréns egípcios.

No harém, viviam sacerdotisas discípulas da deusa Hator⁸, padroeira das iniciadas do harém, que asseguravam ritualmente a sobrevivência da alma e a irrigação da terra pela energia celeste. Uma “Venerável” *shepeset* está à frente do harém, e a superiora de todos os haréns é a própria rainha. Na qualidade de “esposa de deus” e de soberana de todas as sacerdotisas do reino, ela dirigia essas instituições na sua totalidade, preocupava-se com os programas educativos, nomeava professores, zelava pela boa saúde econômica dos estabelecimentos e pela prática justa dos ritmos⁹. Em cada harém, uma encarregada representava a rainha¹⁰, quer como diretora delegada, quer como assistente de um diretor, muitas vezes chefe de província ou sumo sacerdote.

As rainhas e as esposas “secundárias” gostavam de mandar criar seus filhos nos haréns, onde recebiam uma educação de qualidade. O harém, como instituição de ensino, é um lugar privilegiado para o desenvolvimento da sabe-

⁵ JACQ, Christian. *As egípcias: Retrato de mulheres do Egito faraônico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 244.

⁶ O nome da deusa é composto de duas palavras, *Hut* e *Hor*, e traduz-se por “o templo de Hórus”. Hator é o espaço sagrado, a matriz celeste que contém Hórus, o protetor da instituição faraônica. Hator encarnava uma vaca imensa, da dimensão do cosmos, que oferecia generosamente o seu leite para que as estrelas vivessem. Confira Christian Ibid., p. 276.

⁷ Ísis é a mulher-serpente, conhecida como a Grande. Reinou nas Duas Terras, o Alto e o Baixo Egito, muito antes do nascimento das dinastias.

⁸ Sobre a deusa Hator, ver S. ALLAM. *Beiträge zum Hathorkult*. Munique, 1963.

⁹ Ibid., p. 245.

¹⁰ NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*. Campinas: Papirus, 1994. p. 93-98.

doria dos egípcios. Com freqüência, tem-se argumentado que a tradição da sabedoria foi originada nos tempos do rei Salomão: “o reinado de Salomão foi a mais plausível ocasião para o desenvolvimento extenso de influências egípcias sobre a sabedoria israelita”¹¹.

Contudo, o desenvolvimento da literatura sapiencial foi atribuído às escolas de escribas, ocultando assim, a sabedoria exercida pelas mulheres no interior da corte. A estabilização da monarquia criou a necessidade, por parte de escribas, de criar escolas ligadas à corte, nas quais era possível seu treinamento. A literatura sapiencial pode ter-se originado nessas escolas de escribas. Esta hipótese se deriva das atestadas afinidades existentes entre as literaturas sapienciais de Israel e Egito. A publicação dos “ensinamentos de Amenemope”, em 1923, proporcionou um importante paralelo entre este trabalho e Pr 22,17-23,11; e a conclusão à qual se chegou é que esse texto foi formado sob modelos egípcios¹². Desse modo, cabe a nós contribuir para o resgate da tradição da sabedoria das mulheres, já que a teologia sapiencial, como criação teológica da religião israelita, ocultou e tirou a palavra sábia da boca das mulheres.

As estrangeiras que vinham habitar o Egito na qualidade de “esposas diplomáticas” do Faraó eram hóspedes privilegiadas dos haréns. Tais matrimônios selavam alianças, ajudavam a manter as boas relações entre o Egito e o seu país de origem e garantiam a fidelidade destas nações. Elas tinham o

direito a um tratamento excepcional: boa casa, numerosa criadagem, vida dourada para fazer esquecer o exílio.

Entre as primeiras atividades artesanais do harém figurava a tecelagem, destinada a oferecer ao templo as vestes indispensáveis para o culto e a ilustrar o processo de Criação relacionado à deusa Neith¹³, a deusa mãe de todos os deuses, que havia tecido o mundo. As damas do harém aprendiam a tocar vários instrumentos musicais como o alaúde, a harpa, a flauta, a lira etc, iniciando-se também no canto e na dança. Essas artes tinham uma função mágica, pois a sua harmonia afastava as forças negativas e congregava as positivas.

Em uma inscrição no túmulo de Mereka, em Saqqara, datada do Antigo Egito, fala-se do “segredo das mulheres do harém”; trata-se de uma dança ritual em que participavam sete mulheres divididas em dois grupos, o primeiro de três dançarinas e o segundo de quatro. Essas dançarinas encarnam na terra a dança do universo, na qual o próprio faraó participava quando evolui diante de Hator. A dança é uma atividade sagrada, criada por Hator, cuja finalidade é abrir as portas do céu. Durante toda uma noite, as bailarinas se comunicam com o espírito de Hator, celebrando a união de Hator com a luz divina. Esse fulgor espalhava a alegria e a fertilidade por toda a terra. Um dos dramas mais temidos pelos egípcios é o momento em que Hator deixava o Egito e se dirigia para o Grande Sul, onde assumia a forma de uma leoa decidida a exterminar a humanidade. As festividades eram organizadas para afastar a cólera da deusa e despertar o seu desejo de regozijar os corações. As indicadas nos mistérios de Hator, cantoras, instrumentalistas e bailarinas, cumpriam então a sua grande missão: transformar o perigoso poder em energia criativa.

¹¹ COLLINS, John J. *Jewish Wisdom in the Hellenistic Age*. Louisville, Westminster: John Knox Press, 1997. p. 5.

¹² E. A. WALLIS BUDGE. *Facsimiles of Egyptian Hieratic Papyri in the British Museum with Descriptions, Summaries of Contents*. 2. ed. Londres: Harrison & Sons, 1923; P. HUMBERT. *Recherches sur les sources égyptiennes de la littérature sapientiale d'Israël*. Neuchatel: Secrétariat de l'Université, 1929 (Mémoires de l'Université de Neuchatel, 7); BRYCE, G. E. *A Legacy of Wisdom: The Egyptian Contribution to the Wisdom of Israel*. Lewisburg: Bucknell University Press, 1979; SHUPAK. Where can Wisdom be Found? The Sage's Language in the Bible. In: *Ancient Egyptian Literature*. Friburgo, (Suíça): University Press; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.

¹³ Neith é uma deusa muito antiga da região de Sais no Delta ocidental. Ela é o terceiro faraó da primeira dinastia e o primeiro faraó de sexo feminino. A deusa Neith presidiu os destinos da primeira rainha do Egito e da primeira mulher faraó. Neith é a imensa superfície aquática que criou as divindades e os seres, a grande mãe que tornou as sementes fecundas; tudo que nasce provém dela. Conferir JACQ, Christian. *As egípcias*, p. 34; JAMES, Edwin Oliver. *The Ancient Gods: The History and Diffusion of Religion in the Ancient Near East and the Eastern Mediterranean*. Nova Iorque: G. P. Putnam's sons, 1960. p. 84-85.

Surge a questão: como pode uma dança sagrada ser reduzida a uma simples sedução de sua majestade, o faraó? O *Conto das Remadoras*, que remonta ao início do Antigo Império e é relatado no papiro Westcar, foi tradicionalmente interpretado como o reforço desses estereótipos sexuais. Vejamos alguns fragmentos deste conto:

Certo dia, o rei Snéfru percorria todas as câmaras do palácio em busca de [algum divertimento, mas não encontrou nenhum. Então ele disse:] 'Ide e trazei-me o chefe leitor e redator Djadjaemank.' (...) Este lhe disse: Fazei equipar uma barca com todas as belas jovens do interior de teu palácio. O coração de Tua Majestade se divertirá vendo-as remar, descendo e subindo. (...) Elas remaram, portanto, descendo e subindo, e o coração de Sua Majestade ficou feliz por vê-las remar¹⁴.

A partir de uma leitura crítica desse acontecimento, concordo com Christiane D. Noblecourt¹⁵ no fato de que esse relato mostra um certo interesse reducionista da atividade das mulheres. Ele serve de reforço ao caráter sedutor da instituição do harém. Contudo, é importante salientar que, na sociedade faraônica, a dança e sexualidade não eram exclusivas das mulheres. Mas para elas em especial, esse caráter sedutor foi como que uma ferramenta de duplo fio. A dança, símbolo de liberdade e domínio do controle de seu próprio corpo, passa a ser entendido como objeto de domínio e apetite sexual dos varões.

Além disso, a prática da poliandria faraônica incentivou ainda mais esses estereótipos. No Egito, o faraó tinha somente uma "grande esposa real", mas também tinha esposas secundárias. Durante o reinado de Ramsés, cinco mulheres recebem esse grande título, mas seus cento e cinquenta e dois filhos revelam claramente que não se restringia às esposas oficiais. Há notícias de situações análogas em outros estados vizinhos. Um documento da época de Amarna nos informa de que o rei de Biblos tinha, pelo menos, duas mulheres

¹⁴ Texto citado a partir de NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós*, p. 93.

¹⁵ *Ibid.*, p. 93.

e se fala ainda das mulheres do rei de Alasia (Chipre). Contudo, nos séculos VIII-VII a.C., os anais assírios¹⁶ atribuem aos reis de Ascalom, Sidom e Asdod somente uma mulher. Pode ser que se trate de uma rainha titular, o que não excluiria outras esposas e concubinas. Alguns textos indicam que, ao menos no princípio da monarquia israelita, o harém do rei passava para seu sucessor (2Sm 12.8; 2Sm 16.21-22). A posse do harém era um título para o trono (2Sm 3,7-8; 1Rs 2.22). Existia entre os antigos árabes um costume similar. As mulheres formavam parte da herança. E tal uso não se suprimiu prontamente apesar da proibição do Alcorão. Entre as mulheres do harém, uma tinha a preferência do rei (Betsabéia, Jezabel, Atalia, Maaká, cf. 1Rs 1,1-2; 1Rs 21,4-7; 2Rs 11,1-20; 2Cr 11,21). Essa aparente preferência privilegia a aparição dessas mulheres nas histórias monárquicas. Cabe a nós perguntar por aquelas mulheres anônimas que aparentemente não tiveram lugar de destaque nessas narrativas.

O reino de Salomão testemunhou uma grande expansão econômica seguida por novos acontecimentos sociais e políticos. Sua determinação em estabelecer-se como um potentado oriental com um grande harém, uma corte bem organizada, extensas relações internacionais, combinada aos seus luxuosos planos de construção, exigiria tanto quanto efetivos militares. Os vínculos estreitos que Salomão contraiu com o casamento também o levaram a recorrer à assistência do Egito. A descrição em 1Rs 7, por exemplo, mostra que tanto o palácio de Salomão quanto o construído para sua mulher egípcia eram projetos egípcios.

O reducionismo dessa importante instituição egípcia a estereótipos sexuais é uma das tantas mostras do abuso do poder masculino no patriarcado antigo. A consolidação da monarquia só é possível a partir da clara e aparente submissão das mulheres. Contudo, é importante estarmos atentas aos mecanismos de resistência utilizados por essas mulheres que vivem no período monárquico.

¹⁶ WEIDNER, E. Hof- und Harems-Erlasse der assyrischen Könige. In: *Archiv für Orientforschung*. v. 18. a. 1956. p. 257-293.

Um daqueles mecanismos são as conspirações no interior da instituição. Pois, considerando o significativo número de mulheres, de esposas principais e secundárias, as rivalidades deveriam ser muito frequentes. O rei podia beneficiar-se de suas mulheres favoritas, pois, supõe-se que o pretense “amor” que o rei tinha pelas mulheres não era homogêneo. Muitas lutas podiam materializar-se em conspirações. Muitas, sem dúvida, referiam-se a lutas de influência entre as favoritas, isto era provavelmente muito comum. As mais graves conspirações eram os atentados contra a própria vida do soberano, em benefício desta ou daquela mulher secundária egípcia ou de origem estrangeira, cujo nascimento não lhe permitia competir com o primogênito dos filhos da grande esposa real. Tal é o caso concreto de Betsabé.

Sem pretender negar ou defender a tendência hierarquizada da cultura egípcia, é importante ver o reconhecimento de seu legado cultural em Israel, não limitado a sua estrutura político-administrativa. E é justamente ali onde entram em jogo as mulheres egípcias e estrangeiras do harém de Salomão. No Egito, a igualdade entre os sexos foi em essência um dos grandes valores. As mulheres eram mães, esposas, trabalhadoras e iniciadas nos ministérios do templo, sem perder sua identidade a favor do homem. As egípcias conheceram um mundo em que o domínio do sagrado lhes era acessível na sua totalidade¹⁷. Uma das características fundamentais do direito egípcio é o de ter emancipado à mulher, tirando-a, em particular, do poder paterno ou marital: sua capacidade é notável. Contudo, isto não chegou a suceder de forma completa, a menos que tenham ocorrido transgressões. Ela chegou a ser escritã, possibilidade que lhe foi negada com posterioridade, de forma que o acesso ao administrativo lhe foi negado¹⁸.

Aceitando que as egípcias desfrutaram de uma independência acima de qualquer independência feminina antes do século X a.C., e que elas participaram dos ritos religiosos nos níveis mais altos, e que também tiveram um papel central na conservação da tradição sapiencial egípcia, o fato do casamento de

¹⁷ JACQ, Confira Christian. *As egípcias*, p. 331.

¹⁸ THÉODORIDÈS, Aristides. Estudio Antropológico del derecho faraónico. In: *Tratado de Antropología de lo Sagrado – Las civilizaciones del Mediterráneo y lo sagrado*. RIES, Julien (Coord.). Madri: Trotta, 1997. p. 128 (Paradigmas, 15).

Salomão com uma egípcia pode muito bem indicar uma significativa influência das mulheres egípcias na corte de Salomão. Mesmo porque, as relações cordiais existentes entre Salomão e o faraó, seu sogro, possibilitaram uma influência multifacetada dessa cultura milenar. Por isso, é possível afirmar que essas mulheres foram responsáveis pelo legado da tradição sapiencial em Israel. Contudo, dado o caráter androcêntrico da tradição bíblica e da cultura patriarcal israelita, o trabalho dessas mulheres e suas deusas foi erradicado e suplantado pelos homens.

CONCLUINDO

O estudo apresentado tentou resgatar as figuras da rainha de Sabá e das damas do harém como pioneiras da tradição sapiencial em Israel do século X a.C. A rainha apresenta-se como a personificação da sabedoria. Ela chega a Jerusalém pondo em dúvida a suposta sabedoria do rei Salomão e lembra que o direito e a justiça devem ser exercidos de forma real e concreta na comunidade de Israel. Por sua vez, as damas do harém aparecem no texto como uma instituição bem estruturada com tarefas concretas: preservação do culto e instrução.

Contudo, no contexto monárquico e patriarcal israelita, o trabalho das mulheres é sempre reduzido a suas funções religiosas e sexuais. Elas são responsáveis pelas principais transgressões: idolatria e sexualidade, reforçando assim os estereótipos sexuais em relação às mulheres. E é justamente a partir de relatos e práticas como essas que se tem desvirtuado a atuação das mulheres na história. É muito importante para uma leitura da Bíblia, a partir da mulher e da cultura afro, desvendar esses mecanismos sutis de dominação, que promoveram ideologias racistas, sexistas, classistas e anti-semitas. Pois, ainda que a Bíblia não seja em essência a autoridade mais importante para a maioria das mulheres e culturas de origem africanas, ela, neste ponto, ajudame na luta contra os estereótipos sociais e sexuais que negaram e negligenciaram a contribuição africana à história da humanidade.

Maricel Mena López é doutora em Ciências da Religião (estudos bíblicos).
Leciona na Escola Superior de Teologia (EST), Rio Grande do Sul.